

«*Tein Kampf*» despertado? Os sacrifícios históricos não têm em geral mais que uma probabilidade provisória, sobretudo quando o desmoronamento das forças acaba por anular certas recordações e mais ainda se se pode dizer que as concessões não foram compensadas como era de justiça.»

Já Bismarck dizia — e a sentença ficou célebre como axioma de política internacional: — «*Ninguém é suficientemente rico para comprar a amizade de outrem por meio de concessões.*»

A verdadeira expressão da opinião francesa, aquela que não se deixa iludir com a retórica oficial, é dada por Bainville, o mais lucido comentador francês da política internacional. Num editorial da *Nation Beige* diz o cronista:

«Não há negar que o resultado do plebiscito do Sarre é humilhante e alarmante. Simulam as gentes consolar-se com dizer que tudo foi bem assim, que tudo o que é alemão deve volver a ser alemão, que se fazia mister regular esta questão para pacificar a Europa. No fundo ninguém pensa assim.

O que se pensa e com razão é que tudo o que é alemão se tornou impenetrável às democracias ocidentais. É uma idade transcorrida, uma ilusão perdida. A Alemanha era outrora acessível às idéias liberais. Já o não é. Explicam o fenómeno como quiserem, pela nobre paixão de patriotismo ou pela baixa paixão do medo. A experiência do Sarre cumpriu-se nas condições mais favoráveis à independência e à pureza do voto. O facto é que os sarrenses por esmagadora maioria escolheram Hitler e a cruz gamada.

Procura-se hoje esquecer que se lhes

muito compensada a mutilação do território que lhe impoz a guerra... Alarmado com esta perspectiva, o chanceler Schuschnigg clama num discurso destinado sem duvida mais às chancelarias que aos ouvintes austriacos, este brado aflitivo: — Saibam que a independência austriaca é uma condição indispensável para a paz da Europa.

Esta inquietação austriaca é fundamentada. Antes dos acordos celebrados em Roma, a intervenção italiana ante as ameaças alemãs contra a independência austriaca podia realizar-se de maneira rápida e eficaz. Agora antes de concentrar as suas tropas no Alto Adige, como fez por ocasião do assassinio do bravo chanceler Dollfuss, Mussolini terá que saber se cinco ou seis potências, compartes nos acordos, dão o seu assenso à diligência belizosa...

As pretensões alemãs sobre Memel

Dissémos acima que a próxima grande batalha da Alemanha será a da incorporação da Austria no Reich. Antes dela, porém, haverá uma escaramuça de certa monta.

Referimo-nos às aspirações alemãs relativas a Memel. Há nos territórios bálticos uma grande percentagem de população alemã. É uma espécie de irredentismo, que a política de Versalhes tornou moda na Europa — em favor dos vencedores, mas que os vencidos estão a utilizar a seu favor,

sentido clássico, correspondendo ao primeiro passo da unidade do poema latino, como os *Lusiadas*, a *Eneida*, a *Comædia*, etc.... Segue-se, necessariamente, a invocação em que o poeta, como o augur antigo chama em seu auxilio as sombras dos génios imortais que criaram a nossa Pátria, e consolidaram a sua continuidade: Ulysses, Viriato, o Conde D. Henrique, D. Tareja, D. Deniz, D. João o Primeiro, D. Philippa de Lancastre...

Ora a agitação, que fermenta no território de Memel, traz um pouco inquietos os espiritos lá para esse brumoso norte da Europa. Os telegramas das agências, pouco precisos, chegaram a noticiar que a Alemanha e a Lituania mobilizaram tropas e a reforçar as guarnições de fronteira.

Ambas as chancelarias negaram que houvesse intuítos bélicos, tanto em Kovno, como em Berlim. Mas o mal está em que as susceptibilidades de cada uma das potências haja julgado necessário mobilizar uns quantos soldados.

Parece-me que a Europa vai ter ainda que esmerilhar com aquela política do Báltico.

Entretanto, a Alemanha reforçará a sua posição internacional. A vitória do Sarre há-de ser-lhe mais propícia nas próximas conversações de Londres que todas as subtilidades dos seus diplomatas. Ou me engano muito ou os srs. Ramsay Macdonald e Sir John Simon convidaram a Londres os srs. Flandrin e Laval para lhes dizerem que o melhor é dar como assente o legítimo, que a Alemanha conserve o nível de armamento em que já está. Isso terá vantagens —

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

Cartas Organicas, temos fé que cada uma das parcelas do Império Colonial, terá «os seus movimentos regulares e harmónicos de vida individual, dentro da vida organica geral do Império, segundo o grau de cultura e adiantamento espiritual de cada uma.

O problema colonial, simplificado como foi pelo Acto Colonial, corresponde actualmente ás exigências de uma larga experiência e de um lisongeiro futuro esboçado através do ideal novo que vem triunfando há oito anos em Portugal.

Se havia o trabalho de soldados, missionários, médicos, comerciantes, agricultores e engenheiros portugueses, no além-mar, além de outros profundos vestígios que a alma portuguesa deram no Mundo, numa sementeira generosa tais lembranças só

há-de alegar-se em Londres: — a Alemanha volverá a S. D. N. e poderá realizar-se depois uma conferência mundial, em que se trate da limitação dos armamentos.

O sr. Laval há-de regatear e depois cederá em tudo, com a condição de a Alemanha entrar no pacto oriental de não-agressão e mutuo auxilio, com a Polónia, a Rússia e nações convizinhantes...

Ora Deus queira que antes de concluirem estas negociações, que não-de ser morosas e vestidas de complicado formulário, os acontecimentos não se precipitem lá pelo Báltico e a Europa tenha de aceitar mais uma vez os factos consumados — para bem da paz e para se dizer mais uma vez que é justo que «tudo o que é alemão volva a Alemanha...»

CEPHAS

Outro comboio de excursão a Portimão e Lagos no dia 31 em plena florescencia das amendoeiras, organizado pela C. P.

Estando esgotada a lotação do comboio de domingo 27 a Portimão e para satisfazer os muitos pedidos de bilhetes resolveu a C. P. repeti-lo no próximo dia 31, feriado nacional, prolongando-o até Lagos, ao mesmo preço de 50\$00, permitindo assim também a visita a esta interessante cidade além de Portimão e Praia da Rocha, sem aumento de despesa. Marcação a 2\$50. Lotação limitada.

Partida da estação do Terreiro do Paço ás 7,00—Chegada a Lisboa no regresso depois da meia noite. (Ver horas no cartaz).

Inscrição no Escritorio de Informaçoes da estação do Rossio.

MAR PORTUGUÊS constitui a parte mais maravilhosa do poema, é o zenit da nossa rota, o elo mais poderoso da cadeia que forjamos para cingir o planeta, expresso na forma mais sublime da poesia portuguesa.

É o Infante, desvendando, com o seu olhar de águia, a linha abstracta do horizonte; é o sonho da raça, o prenuncio do nosso destino, é a esperança a querer ir

Buscar na linha fria do horizonte A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —

Os beijos merecidos da Verdade.

E o verbo se fez carne, a palavra foi acto, e o inicio da história moderna se fundou com o primeiro padrão a assinalar a nossa passagem:

O esforço é grande e o homem é pequeno

Eu, Diogo Cão, navegador, deixei Este padrão ao pé do areal moreno E para deante naveguei.

Falta só vencer o mar tenebroso, o Mostrengo que se opõe ao nosso intento, para o fazer maior, e atemoriza o timoneiro da nave.

Mas manda mais a vontade do Príncipe Perfeito, e o timoneiro responde

...Manda a vontade, que me ata ao leme, De El-Rei D. João Segundo!

Dobrada, enfim, a costa ocidental do continente negro por Bartolomeu Dias, o poeta consagra

Escreve-nos um leitor da *Tráfaria* para protestar, em termos energicos, contra o aumento que as empresas dos barcos das carreiras diárias entre aquela localidade e Belem resolveram agora levar a cabo.

Estranhámos, também, de facto, esse aumento. O que o pode determinar? Apenas a ganancia, a ambição desenfreada, sem duvida, que não tem pejo em prosperar ilicitamente á custa da pobreza alheia.

Associamos o nosso protesto mais veemente ás considerações que nos dirige o reclamante. O preço das passagens era, normalmente, de \$60. Agora foi aumentado para \$80 aos dias de semana e \$100 aos domingos. Entretanto, nada justifica, nada pode justificar esta arbitrariedade. Nem o carvão, nem o óleo, nem os saláricos ao pessoal, nem as contribuições aumentaram. Está tudo na mesma. O que não vai ficar na mesma é a bolsa, já bem magra, do operário que se vê obrigado a utilizar-se de tais meios de transporte, salvo se quiser ir a nado.

Quem viaja nessas carreiras são, na sua maioria, trabalhadores humildes, que vivem da exiguidade da sua fêria. Expoliá-los mais, em nome não sabemos de que direito, parece-nos um crime.

O Estado Novo não se fez para proteger crimes nem para passar um olhar de tolerancia sobre os vários abusos dos gananciosos.

Chamamos a atenção de quem compete para este caso.

do poeta dizem-no: *Valete, Fratres!*

Jaz aqui, na pequena praia estrema, O Capitão do Fim, Dobrado o Assombro, O mar é o mesmo: Já ninguém o tema!

Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

Depois, cumpre-se o prolongamento necessário e fatal do nosso destino até á *Ultima Nau*, a que leva a bordo El-Rei D. Sebastião. É o crepusculo que sucede ao dia, é o vale que desce da montanha, é a sombra que a mortalha a luz.

Perante o inevitável, o derradeiro, só resta invocar o auxilio do altissimo, o renascer da nova fé da alma pisada pela dor — *A Prece*.

Aqui finda a exposição do poema extraordinário do nosso cantor Fernando Pessoa.

Chegámos á terceira parte — O ENCOBERTO — conclusão do poema e, quanto a nós, a parte que constitui a mensagem propriamente dita, o que era preciso dizer-se, o que nesta hora se queria ouvir, a voz que a raça pediu para escutar.

Aqui finda a missão que me propuz. A região é outra, a zona de profundidade é nova. Não está, porém, vedada aos nossos olhos, aos olhos de qualquer: basta ver.

Porquê *Mensagem*?

As ultimas palavras de saudação

Mundo Português», que Augusto Cunha tem dirigido com superior critério.

Trata-se, na verdade, duma admirável publicação visando os mais altos fins patrióticos, onde colaboram colonialistas de prestigio. Ao serviço da cultura, da propaganda e da arte do Império, conquistou já «O Mundo Português» um lugar de primeira fila. Tem o seu campo de acção bem marcado.

O ultimo numero, como, aliás, os anteriores, impõe-se, não apenas pelo lado gráfico, pelo lado luxuoso, mas ainda pelo interesse nitido da sua substancia. Educa, instrue e distrai pelo sugestivo. Continua, pois, a cumprir com largueza a missão para que foi criado.

Imprensa

«A NOCIDADE»

Festejou mais um aniversario esta folha quinzenal, literária e noticiosa, que se publica em Setúbal sob a direcção do sr. Alberto Fialho.

Cumprimentos.

«Um grão de filosofia dispõe ao ateísmo: muita filosofia reconduz á religião.

PLATÃO

A' margem dos livros

MENSAGEM — Poema de Fernando Pessoa (Ed. da Parceria António Maria Pereira)

Vates, vatis — profeta, adivinho, homem eminente em qualquer ciência ou arte, na lingua harmoniosa e firme de Cicero e Horácio — eis o que se revelou em *Mensagem*, o seu autor, Fernando Pessoa.

E tanto assim é que o seu livro exige para perfeita, profunda compreensão uma exegese arguta, apoiada solidamente no manuseio diário e íntimo da simbologia universal. Isto quanto ao conteúdo abstracto que a forma encerra, porque a fé, a crença, o querer ser que nos inspira — isso só Deus o dá, se o merecermos.

Poema de antecipação, a *Mensagem* velô numa hora calma, na vespera enganadoramente tranquilla de um dia torvo e baço, em que há de surgir Aquele por Quem se espera.

Por isso a sua letra só brilhará, total, e ofuscará, esplendente, na hora própria.

Poetas da natureza de Fernando Pessoa são sempre profundos, porque o seu pensar e o seu sentir sondam abismos de realidade ir-revelada.

Porém, essa profundidade tem zonas distintas, várias espécies de profundidade, acessíveis, mais ou menos, aos olhos do espectador atento, consoante a sua constituição optica.

Por isso a autentica poesia, (génese e forma) é um mistério que

só se dá a quem o desvenda. Como a graça, devemos merecê-la: é um dom.

Ora, é sobre uma dessas zonas de profundidade, onde a luz não é, de todo, ainda ausente, que vou fazer incidir a minha atenção e transmitir o que se vê nessas paragens.

Mensagem, poema moderno pela forma, mas de sentido clássico, puro, divide-se em três partes: BRASÃO, MAR PORTUGUÊS e O ENCOBERTO.

Na primeira — *Brasão* — o poeta descreve o que está nos campos — os Castelos, as Quinas, depois a Corôa e o Timbre, abrindo com a descrição figurada da Europa — um rôsto de mulher que

Fita, com olhar sphyngico e fatal, O Occidente, futuro do passado.

Sendo *O rôsto com que fita (é) Portugal.*

A nossa Pátria, como deviam saber todas as pessoas que fizeram instrução primária, fica no extremo ocidental da Península Europeia.

O símbolo aqui é realidade tangível e terrestre.

Quanto a mim, este pequeno instante poético do poema é a *proposição* da obra. Embora a forma seja nova, está dentro de rigoroso

sentido clássico, correspondendo ao primeiro passo da unidade do poema latino, como os *Lusiadas*, a *Eneida*, a *Comædia*, etc.... Segue-se, necessariamente, a invocação em que o poeta, como o augur antigo chama em seu auxilio as sombras dos génios imortais que criaram a nossa Pátria, e consolidaram a sua continuidade: Ulysses, Viriato, o Conde D. Henrique, D. Tareja, D. Deniz, D. João o Primeiro, D. Philippa de Lancastre...

Cada um dos pequenos poemas que compõem esta parte constitui uma imagem de vulto perfeita, cuja expressão abstracta pode inspirar um esopro genial.

São estátuas do monumento de pedra eterno erguido pela raça.

Não os transcrevo para despertar o apetite ao leitor vigilante e curioso.

A disposição engenhosa que Fernando Pessoa deu ao seu poema é das mais felizes, principalmente no Timbre — o grifo ou a fabulosa serpente alada, símbolo do poder na terra, no mar, e como um augurio, no ar.

A cabeça do Grypho representa, simbolicamente, o Infante D. Henrique, o poeta da Distancia e do Além que,

Em seu throno entre o brilho das esferas, Com seu manto de noite e solidão, Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —

O unico imperador que tem, de veras, O globo mundo em sua mão.

As asas da peça heraldica são

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

Na outra asa do Grifo, está Afonso de Albuquerque

De pé, sobre os paizes conquistados Desce os olhos cansados De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte, Tam poderoso que não quer o quanto

Pode, que o querer tanto Calcára mais do que o submisso mundo

Sob o seu passo fundo. Trez impérios do chão lhe a Sorte apanha.

Creou-os como quem desdenha.

Esta trindade de pequenos momentos poéticos faria a immortalidade dum poeta de qualquer raça dominadora.

MAR PORTUGUÊS — a segunda parte da *Mensagem* é a exposição do poema, é a possessão do mar universal pelos portugueses, é mais que o *mare nostrum* dos romanos, é a *possessio maris*, é a suprema razão, o supremo fim de sermos e continuarmos.

constituídas, uma, por D. João O Segundo, que de

Braços cruzados, fita alem do mar. Parece em promontorio uma alta serra — O limite da terra a dominar O mar que possa haver alem da terra.

Seu formidavel vulto solitario Enche de estar presente o mar e o ceu, E parece temer o mundo vario Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.